

nas minhas mãos, a morte
anabela lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*«Is this the real life?
Is this just fantasy?»*

I'm just a poor boy, I need no sympathy...»

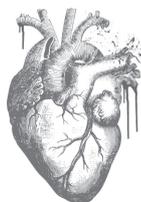
BOHEMIAN RHAPSODY
QUEEN

Para o Telmo, que tantas vezes me perguntou pelo próximo livro.

A vida ceifou-te a possibilidade de me voltares a ler.

Este é teu.

PRELÚDIO



2 0 0 6

Sinto-me como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo. Seguro a asa da caneca do café com uma mão e a colher com a outra. Não consigo lembrar-me se já adicionei açúcar a este líquido deslavado, que se assemelha a água quente com borras. É bem provável que não o tenha feito. Com um suspiro fundo de resignação, mas inaudível, ergo a caneca até ao nível do nariz e inspiro. Depressa percebo que não entendo assim tanto de café para conseguir distinguir pelo cheiro se este está adoçado ou não. Aliás, não é preciso ser-se perito para perceber que isto não vale um centavo. Tenho a certeza de que foi feito com as borras de há uma semana! Em boa verdade, o dono da taberna parece não simpatizar muito comigo, mesmo sendo esta apenas a segunda vez que ele me serve. Estou certo de que não hesitaria em oferecer-me um produto de péssima qualidade, mesmo que tivesse à disposição o melhor do mundo.

Com um trejeito de desagrado lá inspiro, mais uma vez, e sorvo um pequeno gole desta bebida intragável.

Quase cuspo esta porcaria. Definitivamente, esqueci-me do açúcar. Não me admiro, afinal de contas, a minha mente e os meus pensamentos estão focados noutras coisas. No Alberto, por exemplo, o dono da taberna. É um homem de poucas palavras e, à primeira vista, poder-se-ia pensar que se trata de uma pessoa pacata. Porém, não é bem assim, e eu sei-o. Pela forma desdenhosa como me olhou, assim que ontem entrei no seu estabelecimento, é como se ele pressentisse a minha desconfiança.

O Alberto pensa que tem o seu segredo muito bem guardado, mas engana-se. Sei muito bem que ele não é quem aparenta ser e que é ele quem anda a aterrorizar a vila em noites de lua nova, a atacar jovens raparigas. A ideia é

quase romântica, devo confessá-lo: escolher uma noite sem luar para libertar o monstro que há dentro de si.

Há também a Clotilde, a empregada do Alberto. É uma solteirona abusada pelo patrão — não da forma que ela gostaria, porque, em segredo, ela deseja-o. Quando digo abusada quero dizer explorada, quase escrava e muito mal paga. Estou quase certo de que a Clotilde jamais foi tocada por alguém. Não é bonita, tampouco interessante, com os dentes desalinhados a deformarem-lhe o sorriso, o cabelo desgrenhado, ralo e sem vida, e com o corpo flácido e pouco cuidado. Dito assim pode parecer que a Clotilde não tem importância, mas a verdade é que ela deverá ser-me útil.

Há dois velhos sentados em mesas separadas, mas que fazem questão de falar um com o outro quase aos berros. Pergunto-me por que razão não se sentam à mesma mesa, e controlo a vontade de lhes pedir que falem mais baixo. Conversam sobre o tempo; sobre o funeral do vizinho que morreu de males do coração; da doença do outro vizinho e que, provavelmente, terá o mesmo destino; e do gato vadio das redondezas que gosta de aterrorizar as galinhas. São conversas enfadonhas, pelo menos para mim, mas que os mantêm ocupados na sua velhice.

Bebo o resto do café quase sem me aperceber, depois de este já ter esfriado, e começo a tamborilar os dedos na velha e escavacada mesa de madeira, impaciente. Mesmo sem verificar as horas, consigo perceber que ele está atrasado. Começo a sentir-me irritado.

Olho para a porta, à espera de o ver entrar, mas nada acontece. Faço sinal ao Alberto, que parece fazer um grande esforço para deixar o balcão e os seus pensamentos. Aproxima-se da minha mesa com um pano húmido, manchado e de aspeto deplorável, por cima do ombro. Masca um palito e só lhe falta cofiar o bigode mal aparado, que já lhe cobre o lábio superior. O cabelo, todo ele lambido por uma grossa camada de gel, quase lhe toca nos ombros. A camisa aos quadrados desbotados e o avental, que de tantas lavagens já quase perdeu a cor, tentam, em vão, disfarçar-lhe a barriga.

— Sim? — pergunta-me, pegando na caneca vazia enquanto limpa a superfície da mesa com o pano imundo.

— Traga-me qualquer coisa para petiscar — peço, rezando para que o homem tenha alguma coisa comestível, porque, depois daquele café insípido, a última coisa que quero é algo rançoso ou bolorento.

— Tosta? — sugere, ou impinge, assim de chofre.

— Pode ser. Com queijo e fiambre. Pouca manteiga — acrescento.

— Não temos fiambre, mas temos presunto.

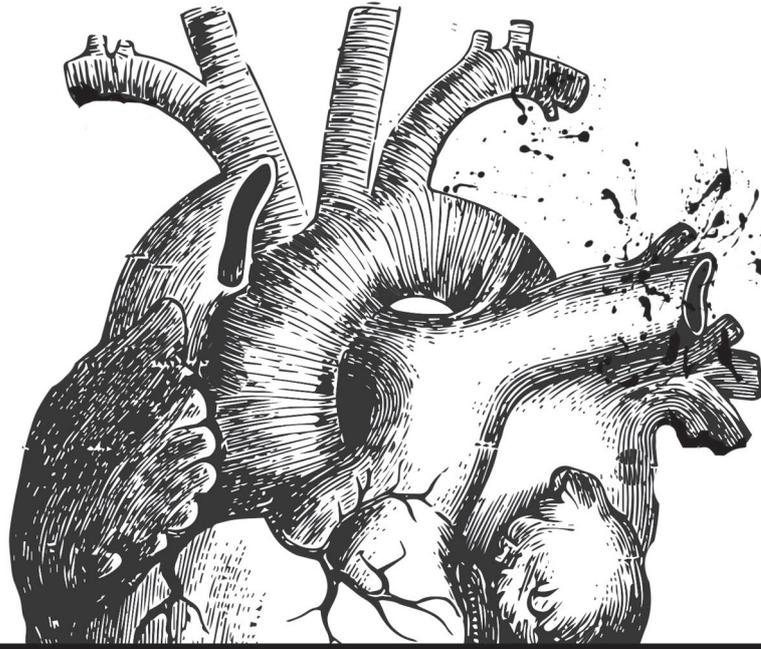
— Serve perfeitamente.

— Clotilde! — grita para a empregada, do outro lado da sala. — Vai fazer uma tosta de queijo e presunto para este senhor. Com pouca manteiga.

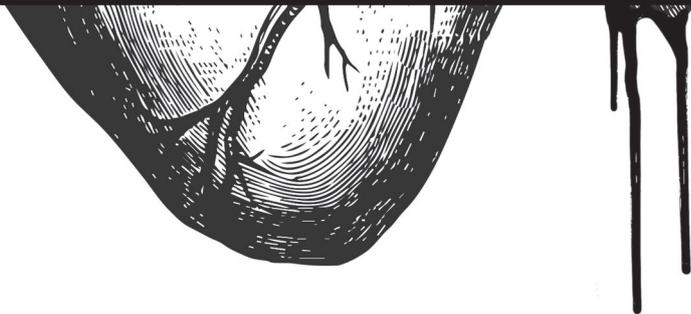
Não é que eu esteja esfomeado, mas é a melhor forma de continuar aqui sem levantar suspeitas. E de estômago cheio a espera faz-se melhor.

Os velhos continuam a sua conversa corriqueira, e eu já deixei de prestar atenção ao tema. Estou demasiado irritado para conseguir concentrar-me. Já é hora de o ver entrar por aquela porta.

Enquanto espero, vou contar-vos a minha história.



PARTE I



CAPÍTULO UM

1 9 6 6

A minha história começou há quarenta anos, num caos. A minha mãe trabalhava, naquela altura, numa pequena quinta, para uns caseiros sem um pingo de humanidade. Obrigaram-na a trabalhar naquele local imundo até ao último dia da gravidez. Não tiveram nenhuma consideração pelas suas limitações físicas, e mandaram-na alimentar os porcos, as vacas e as cabras, e limpar toda a porcaria animal até ela ficar derreada de dores. Tudo isto por um punhado de tostões. Imagino que não tenham sido tempos fáceis. Como se não bastasse a desconsideração por parte dos patrões, o companheiro da minha mãe, a quem não gosto de chamar *pai*, tratava-a de forma ainda mais horrenda, ao forçá-la a sair da cama, ainda o Sol era uma promessa no horizonte, para aquele trabalho parco em condições. Todos os dias, incluindo aquele em que nasci.

Saiu de casa a queixar-se de contrações dolorosas, mas o animal do seu companheiro — Zacarias, assim se chamava —, mais uma vez, impôs que ela fosse para a quinta, só para que pudesse trazer mais algum dinheiro no fim do mês.

A minha mãe estava a alimentar os porcos, quando não se aguentou mais de dores e caiu de joelhos no chão, naquele local coberto de porcaria dos animais e de restos de comida a apodrecer. Conta-se que a desgraçada gritou e guinchou como um animal na matança, pressionando um joelho contra o outro para que eu não nascesse naquela imundície. Ela não queria que a minha primeira memória fosse a daquele lugar — claro que eu não viria alguma vez a lembrar-me do meu primeiro dia de vida. Ainda assim, a minha mãe queria ter-me com alguma dignidade.

Quando os patrões ouviram os seus gritos de desespero, correram a socorrê-la. O homem deitou-a no meio dos dejetos e da lama, enquanto ordenava à esposa que lhe trouxesse lençóis e água a ferver. Uma coisa era certa: por aquela altura, ele já tinha ajudado a trazer ao mundo muitos

vitelos, leitões, e até alguns potros, pelo que eu seria apenas mais um animal nas suas mãos.

A minha mãe berrou até lhe faltar a voz quando o patrão enfiou as mãos ásperas dentro dela para me poder ajeitar e evitar que o meu próprio cordão me estrangulasse e eu nascesse morto ou com mazelas graves. Ela já estava inconsciente quando fui, finalmente, puxado para fora e vi a luz do dia pela primeira vez. Sei que fui pegado pelos pés e que me foi dada uma palmada forte para abrir a goela e berrar com vontade. O som do choro acordou a minha mãe e, tanto quanto ela se lembra, e do pouco que consegui vislumbrar por entre os olhos ainda semicerrados e cobertos de suor e lágrimas, eu era um rapagão saudável.

Podia ter sido o início de uma história feliz, se a minha mãe tivesse ficado em casa para cuidar de mim, ou se, pelo menos, o Zacarias a tivesse ajudado e apoiado. Contudo, aquele verme, que nunca soube ser marido nem pai, não teve um pingo de compaixão por ela, mandando-a de volta para a quinta no dia seguinte ao meu nascimento.

De corpo e alma partidos, mal se aguentando sobre as pernas, valeu-lhe o facto de poder carregar-me nos braços e levar-me consigo. A verdade é que não havia quem pudesse cuidar de mim enquanto ela trabalhava. Eu já não tinha avós e os meus pais não tinham irmãos. Além disso, a minha mãe jamais me teria confiado a um vizinho, ou a qualquer outra pessoa, que não ela, para cuidar de mim.

Assim sendo, todas as manhãs, ainda antes de o Sol raiar, a minha mãe pegava em mim, embrulhava-me num farrapo velho e carregava-me às costas. Era assim que passava os meus dias, pousado num cesto de verga, enquanto ela dava comida aos animais e limpava os dejetos. Tendo crescido no meio da porcaria, cedo aprendi a não ter nojo de nada. Posso apostar que a primeira palavra que saiu da minha boca foi «porco» ou então «vaca»; obviamente, eu não me recordo e a minha mãe diz não se lembrar com precisão — isso, ou prefere não ter de admitir que a minha primeira palavra não foi «mãe».

Não posso dizer que fosse uma criança infeliz. Eu não me queixava de ter nascido e passado os primeiros anos da minha vida no meio da imundície. Da mesma forma, nunca ouvi a minha mãe lamentar-se do que fazia.

Ela trabalhou para aqueles caseiros durante mais alguns anos. Tinha eu seis quando, finalmente, deixou a quinta. Não me interpretem mal: trabalhar com os animais é tão ou mais honroso do que qualquer outra coisa, mas ela merecia melhores condições.

Um dia, o Zacarias — e esta foi talvez a única coisa de valor que alguma vez concretizou na vida — chegou a casa com a novidade de que havia arranjado um novo emprego para ele, e outro para a minha mãe, em casa de umas pessoas muito ricas; ele como jardineiro e ela como cozinheira. Um emprego mais limpo, com melhores horários e um pequeno aumento de salário.

Em casa, a minha mãe era uma cozinheira de excelência. Com simplicidade, dedicação e amor, fazia os melhores pratos que alguma vez tive o prazer de provar. Fico a salivar só de me lembrar do bolo de maçã que ela fazia.

Antes de se tornar jardineiro na casa dos senhores ricos, o Zacarias trabalhava nos fornos de uma olaria. Lembro-me de que costumava chegar a casa coberto de fuligem e que atirava, entre queixumes e impropérios, a roupa para o chão da cozinha, sabendo que a esposa, sem uma palavra de lamento ou de contrariedade, pegaria nela para a pôr de molho. Enquanto isso, o traste ia tomar um banho de água quente, para só aparecer quando o jantar estivesse servido na mesa.

Não consigo recordar-me se, na altura, fiquei feliz ou não com a novidade. Eu não tinha idade para entender estas mudanças.

Ao início, a minha mãe levava-me com ela, porque eu ainda não tinha começado a escola. Os patrões não se importavam, desde que eu não atrapalhasse no bom funcionamento da casa. Eles tinham dois filhos, gémeos, um pouco mais velhos do que eu, e deixavam-nos brincar juntos.

Foram tempos de relativa pacificidade. A minha mãe parecia feliz por ter arranjado um emprego mais limpo e no qual podia demonstrar as suas virtudes, e o Zacarias também parecia mais satisfeito com a vida.

A minha mãe não era uma mulher muito bonita. Claro que aprendi a vê-la como a mulher mais bela do mundo. Foi, desde sempre, uma mulher franzina e pequena. Quem a olhasse poderia pensar que passava fome. Não que houvesse fartura à mesa, de qualquer das formas, mas fome foi coisa por que nunca passámos. O cabelo dela era escorrido e quebradiço e, a maioria das vezes, usava-o num carrapito, fazendo-a parecer muito mais velha do que era na realidade. Tinha uma tez pálida e os dentes amarelados, mas os seus olhos eram belos; negros e brilhantes, enormes e expressivos. Quando a minha mãe sorria, apesar de raras vezes, os olhos sorriam também.

É fácil perceber que eu amava a minha mãe e odiava o meu pai.

CAPÍTULO DOIS

1 9 7 3

A primeira vez que *aquilo* aconteceu, eu tinha sete anos; lembro-me de que andava na escola há pouco tempo. Passou-se em casa dos novos patrões dos meus pais. Andava a brincar às escondidas com os gémeos, o José e o João, e tinha-me escondido atrás de um arbusto.

Eu estava de cócoras, quando ouvi passos ao pé de mim. Sabia que seria descoberto em breve, mas deixei-me ficar, até uma cabeça ruiva surgir ao meu lado e gritar:

— Encontrei o Tomás!

O João — ou seria o José? — correu até ao muro de pedra, onde, ainda há segundos, havia estado de olhos tapados a contar até vinte enquanto nos escondíamos, e bateu lá com a mão, eliminando assim a hipótese de me salvar.

Sentei-me de costas contra o muro, enquanto o outro ia à procura do irmão. Estava um pouco aborrecido por, uma vez mais, ter sido o primeiro a ser descoberto. Os dois voltaram ao fim de um minuto, numa correria louca para ver qual deles chegaria primeiro. Já não me recordo quem foi o vencedor, só sei que era a minha vez de contar.

— Estou sempre a perder! — barafustei, a fazer beijo e de braços cruzados. Como todas as crianças daquela idade, odiava perder. Na verdade, ainda hoje odeio perder, mas quem não odeia?

— O bebé vai chorar! — Eram pouco mais velhos do que eu, mas gostavam de o reforçar.

Negando com a cabeça, resignei-me. Encostei-me ao muro, tapando os olhos com o braço, e contei até vinte, devagar e em voz alta, para que os meus amigos me pudessem ouvir. Quando voltei a abrir os olhos, os dois já tinham desaparecido.

Comecei por procurar nos sítios mais próximos e mais óbvios: atrás do fontanário de pedra, por baixo do varandim ali perto, debaixo do vão da escadaria que dava para a entrada principal, atrás dos grossos troncos das

árvores — e que, se calhar, nem eram assim tão grossos, nós é que éramos franzinos.

Não consegui encontrar nenhum deles, em nenhum desses lugares. De vez em quando deitava os olhos ao muro, não fosse algum dos gémeos passar-me a perna e chegar lá primeiro, mas nem sinal deles. O Sol, que até então brilhara, escondera-se atrás de uma nuvem escura, ficando um ambiente frio e cinzento que me deixou nervoso. Era apenas a chuva que se aproximava, mas eu era uma criança melindrosa.

Comecei a caminhar pelo corredor central do jardim, olhando para um lado e para o outro, sempre à espera de ver uma das cabeças ruivas. A dada altura acabei por me enfiar num caminho mais estreito, ladeado de arbustos altos, e não demorei muito a sentir-me perdido. Aquilo era um autêntico labirinto!

— José! João! — gritei, com a voz a tremer. Estava desorientado e assustado. — Desisto, não quero jogar mais.

Durante algum tempo, não houve qualquer resposta. Até que ouvi um berro, como se alguém se tivesse magoado a sério. Era um deles.

— José! João! — repeti, desta vez mais alto, esperando uma resposta que me acalmasse.

Novamente, silêncio. Depois ouvi uns passos apressados do outro lado dos arbustos altos que me tapavam a visão.

— Quem está aí? — questionei.

Um dos gémeos surgiu à minha frente, como se cuspidos pela vegetação, com o rosto afogueado.

— O meu irmão desapareceu! — exclamou, com urgência na voz.

— Desapareceu? — perguntei, num tom de voz ainda mais agudo do que já era. — Mas... desapareceu como?

— Não sei! Estávamos juntos e escondidos no mesmo sítio. Depois, olhei para o lado e já não o vi, e depois ouvi um grito. Também o ouviste a gritar? — Olhava de um lado para o outro, na esperança de ver o irmão a surgir de surpresa.

— Sim, ouvi — confirmei, com a voz quase sumida.

— Vamos procurá-lo, por favor! — implorou-me o gémeo.

Com o terror que sentia nem conseguia perceber se aquele era o João ou o José, mas depressa descobri, quando ele começou a gritar:

— José! José!

Percorremos grande parte daquele labirinto sempre a chamar por ele, sem obter resposta.

Estava cada vez mais escuro, apesar de ainda não ter começado a chover, e não devia tardar muito para a hora de os meus pais terminarem o serviço e irmos para casa. Desejei ir embora naquele momento.

Fui o primeiro a avistá-lo. Meio escondido pela vegetação, o José estava estendido no chão.

— Encontrei-o! — avisei o João. — O que está ele a fazer? — inquiri, com um mau pressentimento.

O João correu para junto do irmão e eu segui-o.

Não imaginam o meu terror quando vi o José inconsciente, com o rosto voltado para cima e o peito coberto de sangue. O João atirou-se de joelhos para o chão e agarrou o irmão pelos ombros, sacudindo-o, esperando acordá-lo, em pânico, a gritar o nome dele.

Eu estava aterrorizado com o que via, questionando-me sobre quem teria feito aquilo ao José e porquê, e se esse alguém voltaria para nos fazer o mesmo, pelo que acabei por perder o controlo sobre o meu próprio corpo e urinei pelas pernas abaixo.

Nesse preciso momento, como por milagre, o José abriu os olhos, apontou para as minhas calças encharcadas e desatou a rir até ficar sem fôlego. O João juntou-se-lhe nas gargalhadas, e só então compreendi que tudo não passara de uma enorme e cruel partida. Ninguém tinha atacado o José, e o sangue que lhe manchava a camisola era, com toda a certeza, molho de tomate.

Eu era uma criança, mas foi nessa altura que descobri o que significava ficar cego de raiva. Com apenas sete anos, descobri o que é ser-se humilhado.

Enquanto os gémeos se riam como tolos, eu limitava-me a olhar para eles. Não vos sei dizer se estava incrédulo ou se estava em choque. Sei apenas que sentia raiva. Muita raiva. Desejei que o José estivesse mesmo ferido.

Eu tinha as mãos fechadas em punho, e as gargalhadas deles soavam distantes aos meus ouvidos, quase como um eco.

De repente, o José parou de rir. Levou a mão ao peito, com uma expressão de horror. O João demorou alguns segundos a perceber que havia algo errado com o irmão. Aflito, como se alguma coisa o estivesse a queimar, o José despiu, atabalhoadamente, a camisola coberta de molho de tomate. Foi então que vi o que tanto o afligia: o peito do José sangrava de verdade, com um corte que antes não existia.

CAPÍTULO TRÊS

Fui eu quem acabou por ter de ir chamar ajuda, já que o João se recusava a deixar o irmão. Voltei para o jardim com uma multidão atrás de mim: os meus pais, que ainda estavam de serviço, os pais dos gémeos, uma criada que fazia as limpezas e mais um casal que estava de visita e que se recusou a ficar na casa enquanto aquele drama se desenrolava. Não os julgo, porque apareci diante deles encharcado em urina, a tremer descontroladamente e a balbuciar:

— José... sangue... morrer...

Seguiu-se alguma gritaria e descontrolo. Saímos da casa por entre atropelamentos e corremos para o sítio onde o João estava petrificado ao lado do irmão, tomado pelo terror e quase despido. No meio daquele caos acabei por perceber que a situação não era assim tão grave como me parecera ao início. Quero dizer, era grave que aquilo tivesse acontecido, aparentemente, do nada, mas a ferida não carecia de cuidados urgentes, poderia muito bem ter sido provocada por um gato, por exemplo. Mesmo na minha visão exagerada de um miúdo de sete anos, aquilo não me parecia tão fatal como eles queriam fazer crer.

Os pais dos gémeos abraçaram o filho e cobriram-no de beijos, como se estes gestos lhe pudessem curar a ferida. Por fim, fizeram-lhe a pergunta que eu mais temia:

— Quem te fez isto?

Apesar de eu não ter feito nada — para todos os efeitos, eu nem sequer lhe tocara —, para meu desespero, o José apontou o dedo na minha direção. Como se não bastasse, o João acenou com a cabeça, confirmando a alegação do irmão.

Todas as cabeças voltaram-se para mim, e eu fiquei sem saber o que fazer, firmemente pregado ao chão, abrindo e fechando a boca sem que nenhum som saísse.

— Mas... eu não fiz nada! — lá consegui dizer.

O Zacarias abanava a cabeça, de braços cruzados, como se dissesse: «Eu sempre soube que este rapaz nos daria problemas.» A minha mãe olhava para mim e depois para o José, de queixo caído e olhos esbugalhados, não querendo acreditar que o seu filho tivesse atacado alguém. *E não ataca-ra!* Eu nem sequer lhe tinha tocado! Contudo, nos meus pensamentos mais obscuros, eu sabia que algo se passara e que eu tinha qualquer coisa que ver com isso. Só não sabia de que forma.

Os pais dos gémeos estavam, para algum alívio meu, mais interessados em ter a certeza de que o filho estava bem. Quase pareciam ter ignorado que os gémeos me tinham acusado. Na verdade, os patrões dos meus pais deviam estar a recuperar do susto, do momento em que viram a enorme mancha de molho de tomate e que pensaram, tal como eu, que era sangue. Só depois terão percebido que, afinal, a ferida não era assim tão grave. Desinfetaram a ferida e puseram-lhe uma ligadura à volta do peito, mais porque o rapaz o pediu do que por necessidade de tal.

De qualquer das formas, o acontecimento não foi ignorado. Os pais dos gémeos tiveram uma «conversa séria» com os meus pais e explicaram-lhes que não me culpavam porque «já se sabe como são as crianças, não é?», mas não iriam permitir que eu voltasse a brincar com os filhos, «porque os meninos ainda estão muito traumatizados com o que aconteceu, compreendem?»

A minha mãe, incapaz de poder defender o próprio filho, acenou com a cabeça. Ela sabia que eu não tinha feito nada. Eu via no seu olhar que ela não me culpava, mas não se pronunciou. Com certeza, tinha receio de perder o emprego de que tanto gostava e assustava-a a ideia de ter de voltar às condições miseráveis que tinha na quinta.

Em casa também não abriu a boca para dizer uma palavra que fosse em minha defesa, apesar de o Zacarias não se poupar em injúrias contra mim.

— Este traste quase nos lixava a vida! — bradava ele, sem ter o cuidado de engolir primeiro a comida que tinha na boca, cuspiendo carne já meio mastigada para cima da mesa. — Tu quase estragavas tudo! Tens noção do quão difícil é conseguir arranjar um emprego de jeito nos dias que correm?

Eu fazia um esforço enorme para segurar o choro.

— Pareces mesmo um atadinho, falta-te aí um ou dois parafusos, não falta? — Parecia quase uma pergunta genuína à espera de uma resposta, e eu, inocente como era, limitava-me a olhar para ele, sem saber o que responder. Nunca me tinha apercebido de que me faltasse algo, muito menos parafusos.

A minha mãe, no seu silêncio, consentia que o Zacarias me tratasse daquela forma. O meu pai prosseguia com o seu monólogo, ofendendo-me de todas as maneiras que o seu cérebro pouco desenvolvido — o seu comportamento só provava isso mesmo — conseguia processar.

Eu aguentei até certo ponto, mas acabei por não conseguir impedir que os meus olhos se enchessem de lágrimas.

— Pronto, já está a chorar! Tu não soubeste educar este pirralho como deve ser, pois não?

Agora acusava a esposa, e a coitada não sabia sequer defender-se. O mais descabido, no meio disto tudo, era que o Zacarias agia como se eu fosse responsabilidade única da minha mãe.

Ela deve ter ingerido algumas golfadas de coragem e, sem levantar os olhos do prato, com o rosto muito vermelho, balbuciou:

— Ele não tem culpa do que aconteceu... é apenas uma criança.

O Zacarias levantou-se num pulo, fazendo o prato saltitar sobre a mesa.

— Não tem culpa? NÃO TEM CULPA? — repetiu aos berros, e ela encolheu-se na cadeira.

Agora que olho para trás, sinto alguma raiva da minha mãe. Porque é que ela não reagia? Porque é que ficava ali, toda encolhida e a chorar, enquanto o Zacarias a tratava como lixo? Embora me custe muito a admitir, compreendo, em parte, que ele a tenha agarrado pelos ombros, num gesto como se implorando: «Pelo amor de Deus! Reage, mulher! Faz alguma coisa para provares que estás aí!»

A minha mãe começou a chorar também, e o Zacarias enervou-se ainda mais. Deu-lhe um estalo tão forte que lhe ficou marcado no rosto durante horas, e eu, assustado, caí num pranto.

Irritado, o meu pai parecia ter atingido o seu limite: atirou com o prato ao chão, partindo-o em pedaços e espalhando os restos da comida por todo o lado. Depois saiu porta fora, gritando asneiras que não faziam qualquer sentido para mim.

Ficámos apenas os dois, eu e a minha mãe, a chorar e amedrontados. Foi sempre assim: até onde as minhas memórias me levam, ela sempre se deixou humilhar pelo Zacarias. Nunca foi capaz de lhe responder de volta, de elevar a voz, de lhe fazer frente. É óbvio que ela tinha medo dele. Aquela não era a primeira vez que ele lhe batia. Eu não sei quando tudo isto começou, nem o porquê, mas o mal-estar era diário. Não me lembro de alguma vez termos sido uma família feliz, não me lembro de alguma vez ver o Zacarias tratar a minha mãe com carinho. Acredito que ela tenha casado

por amor, mas questiono-me se o meu pai alguma vez nutriu sentimentos bons pela companheira, ou se apenas viu nela uma boa dona de casa que lhe pusesse comida na mesa, que lhe lavasse a roupa e que lhe satisfizesse os desejos. Pergunto-me se alguma vez se amaram. O que a minha mãe vira naquele homem era um grande mistério para mim.

O meu pai e a minha mãe muito novos, num baile da aldeia. É difícil imaginar que eles alguma vez foram jovens. Habitamo-nos a ver os nossos pais sempre adultos e quando paramos, por uns segundos, para pensar que eles também já foram crianças, a ideia parece-nos bizarra.

Acredito que, na altura, o Zacarias fosse um rapaz interessante, pelo menos o suficiente para captar a atenção da minha mãe.

Conheço poucos pormenores destas histórias, apenas factos soltos que a minha mãe ia deixando escapar em momentos de boa disposição, e apenas e só se o marido se encontrasse ausente. Ela fez-me crer que eles foram um casal feliz durante algum tempo e que casaram apaixonados. Todavia, a dada altura, o meu pai começou a apaixonar-se cada vez mais pela bebida e a vida tornou-se num inferno. Não foram estas as exatas palavras dela, mas eu conseguia depreender o que ela não se atrevia a verbalizar.

Guardo para mim a convicção de que o casamento dos meus pais começou a desabar quando a minha mãe engravidou. Talvez não fosse o que desejassem, talvez fosse cedo de mais. A única coisa que sei com certeza é que não me lembro de vivermos em harmonia.

Apesar de eu não compreender a sua submissão ao Zacarias, já naquela altura amava a minha mãe acima de tudo no mundo. Ela sempre foi carinhosa, sempre soube cuidar de mim, deu-me tudo o que precisei, e se mais não deu foi porque não pôde. Era ela quem me desejava boa-noite, era ela quem me dava um beijo antes de desligar a luz, era ela quem escolhia e preparava a roupa que eu vestia. Era ela que cuidava de mim quando eu estava doente, que me trazia o leite quente com mel à cama, que me tirava a febre e me passava panos frios pela testa quando eu estava já perto do delírio. A minha mãe esteve sempre por perto e nunca deixou que nada me faltasse. Era uma mulher de poucas palavras, mas falava com o olhar. E o seu olhar dizia que me amava.

O Zacarias, no entanto, nunca esteve realmente presente, nunca quis saber de mim, nem sei se alguma vez se sentiu feliz comigo ou por mim. Não sei se presenciou a minha primeira gargalhada, os meus primeiros passos, as minhas primeiras palavras. Por estas razões e muitas mais, não consigo chamar o Zacarias de pai. Para mim, nunca o foi.

Num gesto decidido, a minha mãe secou as lágrimas com o guardanapo e levantou-se para limpar a porcaria que o marido deixara atrás de si. Eu, uma criança que mal sabia ler e escrever, mas já com algum bom senso e cheio de pena dela, ajoelhei-me e ajudei-a a arrumar os cacos e os restos de comida espalhados pelo chão. Ela voltou a chorar ao aperceber-se do meu gesto, mas não disse uma única palavra. Estou certo de que a forma como era tratada pelo Zacarias a inibia de se expressar mais.

Quando a cozinha já estava quase arrumada e não restavam vestígios da discussão, pediu-me que fosse vestir o pijama e me preparasse para dormir. Assim o fiz, e esperei que ela me fosse dar o beijo de boa-noite.

* * *

DEVIA SER JÁ DE MADRUGADA, QUANDO ACORDEI estremunhado pelos barulhos que vinham do andar de baixo. Aparentemente, o Zacarias tinha chegado a casa e, pelos sons que eu ouvia do quarto, ele parecia estar muito bêbedo. Já não era a primeira vez que isto acontecia. Ouvi-o fechar a porta com estrondo, a atirar qualquer coisa para o chão — provavelmente, os sapatos ou o casaco —, a tropeçar algumas vezes e, por fim, a subir os degraus. Passou pelo meu quarto sem parar e seguiu em direção ao quarto dele e da minha mãe. Ela também tinha acordado com o barulho, porque a ouvi, balbuciar qualquer coisa. Fiquei atento, esperando ouvir algo mais concreto. Até que, de repente, ela gritou. Sentei-me na cama, hirto, sem saber o que fazer. Os gritos ficaram mais abafados, mas conseguia distinguir algumas palavras soltas: «*Por favor...*», «*Tomás... dormir...*», «*Para!*»

Eu ouvi claramente o meu nome. Não sei se ela estava mesmo a chamar por mim, mas, como menino obediente que era, levantei-me da cama e corri para o quarto dos meus pais. Abri a porta, sem bater, e o que vi deixou-me sem reação: o Zacarias montava a minha mãe, como eu vira outros animais a fazerem na quinta onde ela trabalhara, e puxava-lhe os cabelos, aparentemente com força, tendo em conta que a cabeça dela estava toda atirada para trás. Entretanto tapou-lhe a boca com a mão, tentando abafar os gritos dela, e — só de lembrar este episódio dá-me náuseas — chicoteou-lhe as nádegas com o cinto. Ela gritava e chorava de agonia a cada golpe, e eu fiquei ali parado, completamente estático, sem saber o que fazer. Na verdade, o que eu sentia mesmo era medo. O Zacarias estava muito bêbedo e podia, se eu me atrevesse a fazer alguma

coisa, bater-me também com o cinto. Nunca o tinha feito, mas aquela poderia muito bem ser a primeira vez.

Eu podia ter voltado para o meu quarto, mas nem isso o meu pequeno cérebro conseguiu ordenar ao meu corpo.

A certa altura, ele deu pela minha presença. Se pensam que isso o convenceu a parar com aquela selvajaria, não. Bem pelo contrário, abriu a boca num sorriso desprezível e bateu nas nádegas da minha mãe com mais força, aumentando o ritmo. Como se não bastasse o prazer que aquela humilhação lhe trazia, ainda virou a cabeça dela na minha direção. A minha mãe tinha grossas lágrimas a escorrer-lhe pelas faces. Foi então que a ouvi, dentro da minha cabeça: «*Por favor, fá-lo parar!*»

Foi a primeira vez que isto aconteceu. Ela tinha a boca tapada pela mão grosseira do Zacarias, pelo que não conseguiria falar com a clareza com que a ouvi.

Não é algo que eu vos possa explicar, mas foi exatamente nesse momento que percebi que conseguia ouvir os pensamentos das outras pessoas dentro da minha própria cabeça. Isto aterrorizou-me ainda mais, e eu continuava incapaz de me mexer, de dizer o que quer que fosse ou de fazer algo que pudesse parar aquele bruto. Vendo-a a ser violentada pelo próprio marido, coberto de cobardia, assistia a tudo.

Por fim, a triste cena terminou com um urro selvagem do Zacarias, que, segundos depois, se levantou aos tropeções e, sem sequer ter o cuidado ou a preocupação de se tapar, veio fechar-me a porta na cara com um sorriso de escárnio.

Eu corri de volta para o meu quarto, com as lágrimas a lavarem-me o rosto. Desde esse dia que me odeio pela minha cobardia.